

DESENVOLVIMENTO DO PARA SKI CROSS COUNTRY NO BRASIL

Taylor Brian Lavinsky Pereira¹

Leandro Ribela¹

Mey de Abreu van Munster²

¹ *Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN)*

² *Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)*

INTRODUÇÃO

O Ski Cross Country surgiu na Escandinávia como meio de locomoção na neve. Registros encontrados em pinturas rupestres datam de 4500 a.C. e representavam pedaços de madeira presos aos pés. Porém a prática em caráter recreacional e esportivo, atualmente, reconhecida, teve início nas primeiras décadas do século XIX. (INGEBRETSEN'S, 2020).

Enquanto os Jogos Olímpicos de verão da era moderna tiveram início na Grécia em 1896, a primeira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno ocorreu somente no ano de 1924, em Chamonix, na França. O Ski Cross Country esteve presente desde sua primeira edição (RUSKO 2008). Com a ascensão da modalidade surgiu o interesse e envolvimento de pessoas com deficiências, o que impulsionou o desenvolvimento de uma versão adaptada do esporte.

Em 1976 foi realizada a primeira edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno, em Örnsköldsvik, na Suécia, e o Para Ski Cross Country (PSCC) figurou, ao lado do Ski Alpino, entre as duas modalidades disputadas na ocasião (WPNS, 2019). Em 1992 os Jogos Paralímpicos de Inverno foram realizados pela primeira vez nas mesmas instalações dos Jogos Olímpicos de Inverno, o que acontece até hoje. Atualmente os Jogos Paralímpicos de Inverno incluem seis modalidades, entre elas o Ski Alpino, o Sledge Hockey no Gelo, o Curling em Cadeira de Rodas, o Para Snowboard, o Para Biathlon e o Para Ski Cross Country¹.

O Para Ski Cross Country (PSCC) é uma das principais modalidades dos Jogos Paralímpicos de Inverno, dado o número de medalhas em disputa, e um dos esportes de

¹Embora no programa paralímpico o Para Biathlon e o Para Ski Cross Country refiram-se a modalidades distintas e independentes, eventualmente podem ser tratadas de forma conjunta na literatura como Para Ski Nórdico, uma vez que ambas têm origem nórdica e estão subordinadas a um mesmo órgão regulamentador, a World Para Nordic Skiing (WPNS, 2020).

inverno com maior viabilidade de desenvolvimento no Brasil. Considerando que o PSCC ainda é uma modalidade culturalmente pouco conhecida e praticada em nosso país, sobretudo devido às condições climáticas pouco favoráveis, os objetivos do presente artigo são: discorrer sobre as principais características do esporte, descrever como a referida modalidade vem se desenvolvendo, e destacar os principais resultados alcançados pelo PSCC no país.

PARA SKI CROSS COUNTRY

O Para Ski Cross Country é uma modalidade de endurance, onde os atletas percorrem percursos de altimetria variada, deslizando sobre esquis e impulsionados por bastões. É organizada por categorias de gênero e classe esportiva, com provas de curta, média e longa distância.

De acordo com a WPNS (2019) as provas oficiais do programa paralímpico envolvem distâncias entre 800m (prova de sprint da categoria sitting) e 20km (prova de long distance das categorias standing e visually impaired). A modalidade pode ser praticada em dois estilos, clássico e livre², sendo a técnica utilizada na competição, determinada previamente pelo organizador do evento. O PSCC é regulamentado pelo International Paralympic Committee (IPC) e pela World Para Nordic Skiing (WPNS) (PEREIRA et al., 2018), internacionalmente, e nacionalmente pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e pela Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN).

Os parâmetros das classes esportivas são estabelecidos por uma avaliação clínica e funcional que abrange atletas com deficiência visual e física, subdivididos em três categorias: visually impaired, standing e sitting (PEREIRA et al., 2018; COELHO et al., 2018).

Os atletas com deficiência visual são incluídos na categoria visually impaired e subdivididos em três classes, de acordo com parâmetros clínicos acerca da acuidade e campo visual. Os atletas na classe B1 apresentam desde perda visual completa até, no máximo, percepção de luz. Os atletas pertencentes às classes B2 e B3 apresentam baixa visão, sendo avaliados de acordo com sua visão remanescente. Para esquiadores da classe B1 a presença do guia e o uso de venda são obrigatórios. Já para as classes B2 e B3, tais recursos são opcionais. Durante uma competição o guia se desloca alguns metros à frente do atleta e, munido de um microfone e amplificador fixado nas costas, provê referência espacial e descreve verbalmente as características do percurso, tais como curvas, descidas e subidas (WPNS, 2019).

Os atletas com deficiência física são subdivididos nas categorias standing e sitting.

² A técnica livre pode ser designada na literatura como Skating.

Os atletas pertencentes a categoria standing competem em pé e estão divididos em sete classes sob a sigla LW, referente ao termo Locomotor Winter. As classes de LW2 a LW4 envolvem esquiadores com comprometimento em um ou nos dois membros inferiores; LW5 a LW8 abrangem comprometimento em um ou nos dois membros superiores; LW9 envolve comprometimentos nos segmentos corporais superiores e inferiores, associadamente (WPNS, 2017).

Já os atletas pertencentes a categoria sitting podem apresentar comprometimentos em um ou em ambos os membros inferiores, competindo na posição sentada, sendo fixados a um assento acoplado aos esquis, denominado sit-ski (Figura 1). De acordo com a capacidade de controle de tronco, essencial para a aceleração e equilíbrio durante as competições, os atletas nessa categoria podem ser alocados em cinco classes distintas: LW10, LW10.5, LW11, LW11.5 e LW12 (WPNS, 2017).



**Figura 1: Sit-skis com designs diferentes, de acordo com as possibilidades de cada atleta.
(Foto: Arquivo pessoal)**

Para garantir a elegibilidade dos atletas com deficiência visual em cada classe, a classificação esportiva é baseada em parâmetros clínicos avaliados por oftalmologistas. Já a avaliação dos atletas com deficiência física é realizada por um “comitê constituído por avaliadores certificados pela World Para Nordic Skiing (WPNS), vinculada ao Comitê Paralímpico Internacional (CPI)” (COELHO et al., 2018).

A classificação funcional equaliza a competição no esporte adaptado, assegurando que os atletas possam competir de forma equitativa (FREITAS, 2005). Cada esporte paralímpico possui um sistema próprio de classificação funcional, de acordo com as características

específicas envolvidas na modalidade. No Para Ski Cross Country não é diferente. Entretanto, a WPNS desenvolveu um sistema de porcentagem para correção dos tempos individuais de acordo com as respectivas classes esportivas, de forma que os participantes de diferentes classes esportivas possam competir dentro de uma mesma categoria (visually impaired, standing e sitting).

DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE NO BRASIL

No Brasil, a modalidade começou a se desenvolver em 2012, fruto da parceria entre Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Em dezembro desse mesmo ano o país estreou em competições internacionais, com a participação de Fernando Rocha na Copa do Mundo de Vuokatti, na Finlândia. Após duas temporadas de treinamento na neve, o atleta atingiu o índice paralímpico e o país teve sua primeira participação em Jogos Paralímpicos de Inverno, em Sochi 2014, na Rússia (CBDN, 2020; WPNS, 2020).

Motivada pela parceria e bons resultados alcançados no curto prazo, em 2014 a CBDN desenvolveu um planejamento de longo prazo para a modalidade, visando a conquista de resultados expressivos de forma sistemática, incluindo a disputa por uma medalha em 2026. Seguindo o planejamento elaborado, em 2015, foram criados os primeiros núcleos de iniciação da modalidade, nas cidades de São Paulo-SP e Jundiaí-SP. A partir de 2018 iniciou-se um projeto de expansão dos núcleos, firmando parcerias com outras instituições. Atualmente há atividades em seis cidades do estado de São Paulo: São Paulo, Jundiaí, Campinas, São Carlos, Caraguatatuba e Santos.

No Brasil a modalidade é praticada com o rollerski, equipamento que permite simular a técnica do Para Ski Cross Country (PSCC) no asfalto (PEREIRA et al., 2018). Os primeiros rollerskis surgiram na década de 30, na Itália e Norte Europeu, e o equipamento foi se desenvolvendo para atender à grande demanda de treinamento de atletas de alto rendimento, suprimindo a necessidade de manter a parte específica dos treinos ativa durante todo o ano e permitindo “esquiar” sobre o asfalto (Figura 2) durante o verão ou em locais sem neve (MANSKE, 2014). A disseminação do Rollerski no Brasil possibilitou a participação crescente de atletas com deficiências, permitindo a iniciação ao PSCC no asfalto para posterior transição à neve (PEREIRA, 2018).



Figura 2: Par de rollerskis com bota fixada ao equipamento. (Foto: Arquivo pessoal)

Para fomentar a modalidade, aumentar a competitividade e auxiliar o processo de seleção de atletas que representam o país em treinamentos e competições internacionais, foi criado o Circuito Brasileiro de Rollerski. Organizado pela CBDN, o circuito atualmente é constituído por quatro etapas anuais, geralmente realizadas na cidade de São Carlos, nos meses de Março, Julho, Outubro e Novembro, reunindo atletas de todos os núcleos e de outras localidades (Figura 3).



Figura 3: Atletas da categoria sitting durante o Circuito Brasileiro de Rollerski (Foto: CBDN)

Em 2018 o Brasil alcançou sua segunda participação nos Jogos Paralímpicos de Inverno, em PyeongChang, Coréia, com dois representantes na modalidade: Cristian Ribera e Aline Rocha. Cristian, com apenas 15 anos na ocasião, foi o atleta mais jovem dos jogos e obteve uma histórica 6ª colocação, melhor resultado de um atleta sul-americano em Jogos Paralímpicos de Inverno. Já Aline, se tornou a primeira mulher sul-americana a participar de uma edição dos Jogos e obteve a 12ª colocação (CBDN, 2018) na competição.

As primeiras medalhas em Copas do Mundo, principal circuito de competições da modalidade, apareceram na temporada 2018/2019, na etapa de Vuokatti, na Finlândia. Nesta edição, cinco atletas representaram o país, sendo quatro homens e uma mulher. Cristian Ribera conquistou uma medalha de prata e outra de bronze, enquanto Aline Rocha garantiu uma de bronze para o Brasil (Figura 4).



Figura 4: Comissão técnica e atletas em Training Camp realizado em Livigno, na Itália (Foto: Arquivo pessoal)

Na temporada 2019/2020 a tendência de melhora de performance e bons resultados se manteve, alcançando mais resultados inéditos para o Brasil. Foram cinco atletas competindo no Circuito de Copas do Mundo, sendo quatro homens e uma mulher. Todos obtiveram marcas dentro do índice paralímpico, dando um passo importante para a classificação aos Jogos Paralímpicos de Inverno de 2022, em Beijing, na China. Cristian Ribera foi novamente o destaque, conquistando duas medalhas de prata na Copa do Mundo de Finsterau, na Alemanha. Com resultados muito consistentes nas demais etapas, todos dentro do top 5, Cristian garantiu ainda a segunda colocação geral no ranking da Copa do Mundo 2019/2020, resultado inédito para o Brasil (WPNSP, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do Brasil não ter tradição nas modalidades de inverno, nem condições climáticas para a prática na neve, o modelo criado para o desenvolvimento do Para Ski Cross Country no Brasil tem se mostrado eficiente e permitido bons resultados, considerando sobretudo a limitação de recursos financeiros disponíveis para a finalidade.

À luz dos resultados acima descritos e até então obtidos, é possível afirmar que, mesmo sem neve no país, a prática do Rollerski como modalidade esportiva e ferramenta de treinamento, permitiu desenvolver o Para Ski Cross Country no Brasil, alcançando destaque internacional. Entretanto, deve-se considerar também outros fatores chaves de sucesso, como a captação de atletas, capacitação continuada da equipe técnica e seleção dos locais de prática, entre outros.

Para garantir a continuidade e qualidade deste modelo, assim como o suporte apropriado àqueles atletas que chegam ao alto rendimento, é necessário buscar novas parcerias e recursos financeiros que possam agregar ao programa, à estrutura e aos recursos já disponíveis.

REFERÊNCIAS

COELHO, W. L.; PEREIRA, T. B. L., HAIDAR, G.; RIBELA, L.; MUNSTER, M.A. Formação De Classificadores Funcionais No Para Ski Cross Country: Primeiros Registros No Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte: Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional**, São Paulo, v. 24, n. 6, p. 69-69, dez./2018.

CBDN. Confederação Brasileira de Desportos na Neve. **Brasil define equipe para Jogos Paralímpicos de Inverno**. 2018. Disponível em: <https://cbdn.org.br/brasil-ira-aos-jogos-paralimpicos-de-inverno-com-tres-atletas/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

FREITAS, P. S. Fundamentos básicos da classificação funcional do esporte para deficientes físicos. **Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Bauru, v.10, n. 1, p. 22-25, 2005.

INGEBRETSEN'S N. M. **The Nordic Origins of Skiing**. 2020. Disponível em: <https://www.ingebretsens.com/culture/history/the-nordic-origins-of-skiing>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MESSIAS, A.; JORGE, R.; CRUZ, A. A. V.. Tabelas para medir acuidade visual com escala logarítmica: porque usar e como construir. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, v. 73, n. 1, p. 96-100, 2010.

MANSKE, B. **The history of rollerskiing**. *Cross Country Skier*, v.34, n.1, 2014, p.46-49.

PEREIRA, T. B. L., COELHO, W. L.; RIBELA, L.; ALVES, F. C. O; MUNSTER, M.A. Do Asfalto À Neve: A Transição Do Rollerski Ao Para Ski Cross Country Na Perspectiva De Atletas Brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte: Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional**, São Paulo, v. 24, n. 6, p. 69-69, dez./2018.

RUSKO, Heikki (Ed.). **The Handbooks of Sports Medicine and Science: Cross Country Skiing**. John Wiley & Sons, 2008.

WPNS. World Para Nordic Skiing . **World Para Nordic Skiing Rankings**. 2020. Disponível em: <https://www.paralympic.org/nordic-skiing/rankings>. Acesso em: 29 abr. 2020.

WPNS. World Para Nordic Skiing (Germany). **World Para Nordic Skiing Rules and Regulations Cross Country Skiing and Biathlon**. 2019. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/2019-12/2019_12%20WPNS%20Rules%20and%20Regulations%202019_2020.pdf. Acesso em: 26 abr. 2020.

WPNS. World Para Nordic Skiing. **Classification Rules and Regulations**. 2017. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/170803114654801_World%2BPara%2BNordic%2BSkiing%2BClassification%2BRules%2Band%2BRegulations_0.pdf. Acesso em: 29 abr. 2020.

NOTA SOBRE AUTORES

Taylor Brian Lavinsky Pereira,

Graduado em Educação Física, mestre em Educação Especial. Técnico de Para Ski Cross Country - Confederação Brasileira de Desportos na Neve - CBDN.

E-mail: taylorbrianlp@gmail.com

Leandro Ribela,

Atleta Olímpico de Ski Cross Country, Professional Ski Instructor of America (PSIA), Delegado Técnico FIS - Federação Internacional de Ski, Coordenador do Programa Olímpico e Paralímpico de Cross Country na CBDN - Confederação Brasileira de Desportos na Neve.

E-mail: lribela@yahoo.com

Mey de Abreu van Munster,

Docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana - DEFMH da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Membro da Equipe de Classificadores de Para Ski Cross Country junto à Confederação Brasileira de Desportos na Neve - CBDN.

E-mail: mey@ufscar.br